

**De mulheres fatais as super-heroínas:
uma análise da história da representação feminina no cinema**

*From fatal women to superheroines:
an analysis of the history of female representation in cinema*

Vitória Farinha de OLIVEIRA¹
Gerson de Lima OLIVEIRA²

Resumo

Compreendendo o cinema com um importante e histórico meio de comunicação, este estudo se propõe a discutir a construção da imagem feminina nos filmes hollywoodianos e as relações de poder que caracterizam o contexto por trás das câmeras. Assim, a análise de algumas das principais obras cinematográficas das últimas décadas é realizada sob a influência das quatro ondas do movimento feminista. Descrevemos suas vertentes, debates e ideais, pois influenciaram diretamente a conquista de espaços pelas mulheres em todos os âmbitos sociais, inclusive no cinema. Para o desenvolvimento deste estudo, aplica-se a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011), e o emprego da análise fílmica proposta Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété (1994), com foco no diálogo e no visual. Assim, o estudo percorre a história da conquista dos direitos femininos e, posteriormente, a inserção de personagens femininos no cinema, compreendendo a ligação entre esses dois cenários.

Palavras-chave: Cinema. Feminismo. Representação feminina. Análise de conteúdo.

Abstract

Understanding the cinema as an important and historic mean of communication, this study proposes to discuss the construction of the feminine image on the Hollywood films and the ruling relations that characterize the behind the scenes context. So, the analysis of some of mains cinematographic works from some of the last decades is done under the influence of the feminism's four waves. We describe its strands, discussions and ideals, because it influenced directly on the conquered of spaces on society for the women, including on the cinema. For this study development, it was applied the content analysis proposed by Laurence Bardin (2011), and the filmic analysis proposed by Francis Vanoye and Anne Goliot-Lété (1994), with a especial focus on the dialogue and the visual. So, the study accompanies the history of conquered feminine rights and, after, the insertion of feminine characters on the cinema, understanding the conection between both of this questions.

Keywords: Cinema. Feminism. Female Representation. Content analysis.

¹ Graduanda de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). E-mail: vitoriaffarinha@gmail.com

² Professor da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). E-mail: gersonoliveira@unipampa.edu.br

Introdução

Este estudo tem como finalidade a apresentação de alguns dos resultados alcançados durante uma pesquisa científica realizada no âmbito do GP T3xt³. A pesquisa foi originada da necessidade de exploração e construção da imagem feminina, considerando-a repleta de significados implícitos. Delimita-se, então, como objetivo central do estudo a análise dos papéis incorporados às mulheres no cinema mundial e sua contextualização perante a conquista dos direitos femininos.

Tendo em vista o cinema hollywoodiano como um objeto que espelha - em certa medida - a sociedade, objetiva-se entender as relações de poder presentes nele e de que modo são refletidas nos papéis femininos ao longo da história. Pretende-se também compreender e acompanhar as quatro ondas do movimento feminista, as quais fizeram desenvolver o feminismo em todo o mundo ocidental e em diferentes épocas, considerando a intersecção entre a emancipação da mulher na realidade social e o seu espaço na indústria cinematográfica.

Para um melhor desenvolvimento do estudo, optou-se pela análise de conteúdo, de acordo com os parâmetros concebidos por Laurence Bardin (2011) em *Análise de Conteúdo*. Considerando o cinema como portador de mensagens subjacentes, propõe-se compreender as quatro fases do movimento feminista a fim de desvendar criticamente os papéis destinados às mulheres e compará-los aos princípios e ideais que permeavam a sociedade em cada época.

Além disso, foi estabelecida uma análise fílmica conforme os conceitos de Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété (1994) em *Ensaio sobre análise fílmica*, a fim de observar a complexidade dos personagens de maneira crítica, observando os componentes que constituem o visual e o diálogo (em interações com personagens masculinos). Portanto, para uma primeira elucidação daquilo observado, foram escolhidos os filmes *Gilda* (Charles Vidor, 1946), *Bonequinha de Luxo* (Blake Edwards, 1961) e *Mulher-Maravilha* (Patty Jenkins, 2017), de modo a pensar os personagens interpretados por Rita Hayworth, Audrey Hepburn e Gal Gadot.

As quatro ondas do movimento feminista

Compreende-se que além de haver, dentro do feminismo, várias correntes, pensamentos e movimentos diferentes, o que pode dificultar a compreensão do conceito em sua exatidão, a função de nomear os termos foi concentrada nas mãos dos homens, ou seja, “dado que o poder de definir e atribuir significados aos conceitos é uma das prerrogativas masculinas, não é de se estranhar a vaga definição de feminismo”. (FACIO E FRIES, 2005, p 263). Então, em busca de compreender a complexidade do feminismo, Nancy Cott (1987, p 4-5) o define operacionalmente como: 1) a defesa da igualdade entre os sexos ou a oposição à hierarquia dos sexos, 2) o reconhecimento de que a condição das mulheres é construída socialmente e historicamente determinada pelos usos sociais e 3) a identificação com as mulheres enquanto grupos sociais e o apoio a elas.

Assim, estudiosas como Carolina Ferreira, Arlene Ricoldi e outras consideram que história do feminismo é dividida em quatro ondas, sendo três delas iniciadas entre os séculos XVII e XX e, contemporaneamente, a quarta constituída no século XXI. Portanto, quatro ciclos históricos que irão englobar tanto movimentos sociais quanto avanços teóricos essenciais na luta pela emancipação feminina. A primeira iniciou-se entre os séculos XVII e XVIII, com o desenvolvimento do sistema capitalista na Europa e a eclosão da Revolução Francesa. O capitalismo, então, vai gerar uma transformação na organização familiar e a incorporação do conceito de liberdade, igualdade e fraternidade (“*Liberté, Egalité, Fraternité*”, lema da Revolução Francesa). Porém, apesar das transformações deste período, esses ideários ficaram delimitados ao privilégio dos homens e das classes dominantes. “Para as filhas e esposas dessa burguesia ascendente, igualdade e fraternidade só entre si. Liberdade, só entre os muros do espaço doméstico e, mesmo assim, vigiada. Direitos? Os de boa filha, boa esposa, boa mãe”. (SARDENBERG E COSTA, 1994, p 86)

De acordo com Tarrow (1998), os movimentos sociais:

Se envolvem profundamente no trabalho de ‘nomear’ descontentamentos, conectando-os a outros descontentamentos e, assim, construindo quadros de significado mais amplos que dão sentido a elementos culturais de uma população, enviando uma mensagem para seus opositores. (TARROW, 1998, p 143).

Então, a partir do reconhecimento e da significação em torno de uma opressão comum sofrida pelas mulheres, algumas delas, já alfabetizadas, irão denunciar o sistema patriarcal vigente, a fim de expor essas condições estabelecidas socialmente. Como Olympe de Gouges que escreveu em 1791 a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadania* e Mary Wollstonecraft que em 1792 escreveu um dos primeiros documentos feministas, pelo qual reivindicava o direito à educação das mulheres, por exemplo.

A segunda onda do feminismo iniciou-se com a formação do sufrágismo no século XIX. É nesse período que o feminismo surge, pela primeira vez, como “um movimento social de âmbito internacional, com identidade autônoma e caráter organizativo.” (GARCIA, 2005, p 51) O sufrágismo esteve presente nas principais sociedades industriais modernas, e tinha como principal objetivo a conquista do direito ao voto feminino. A maioria das integrantes eram mulheres alfabetizadas e acreditavam na “concepção liberal de que a igualdade de direitos jurídicos seria o suficiente para solucionar todos os problemas de caráter discriminatório vivenciados pelas mulheres.” (SARDENBERG E COSTA, 1994, p 95). Apesar dos lentos avanços sociais relacionados às mulheres, em 1920 o voto feminino foi permitido nos Estados Unidos, ou seja, oitenta anos após a incorporação do movimento, as sufragistas conquistaram a sua maior reivindicação.

No século XIX, porém, gera-se um grande paradoxo dentro do feminismo, pois ele se divide entre o feminismo sufragista e o feminismo socialista. Essa nova corrente se espelhava em alguns dos conceitos do Manifesto Comunista, de Karl Marx e Friedrich Engels (1848). De acordo com Varela (2008), o feminismo socialista encontrou semelhanças dentro do marxismo, pois além do estabelecimento da primeira teoria crítica, a qual enfatizava as relações de dominação e subordinação, tanto Marx quanto Engels (1848) descrevem a opressão da mulher como uma exploração econômica. Então, as socialistas lutavam por uma sociedade sem classes e acreditavam que isso resultaria também no fim das desigualdades de gênero. No final do século XIX, portanto, o sufrágismo e o socialismo já tinham se afastado, pois apesar de possuírem objetivos comuns, suas estratégias eram diferentes.

A terceira onda do feminismo é iniciada no século XX em um período em que os movimentos estavam relativamente inertes, já que algumas das suas reivindicações -

como o voto feminino em alguns países - tinham sido atendidas. Em 1949, então, a filósofa Simone de Beauvoir, em seu livro *O segundo sexo*, expõe a teoria de que a mulher é vista, historicamente, como “a outra” em relação aos homens, enquanto eles continuariam sendo os detentores do poder. Essa obra marcou o século XX “não apenas porque coloca de pé novamente o feminismo depois da Segunda Guerra, mas também porque é o estudo mais completo sobre a condição feminina escrito até aquele momento” (GARCIA, 2005, p 80). Logo, até 1950 esse livro será o alicerce do pensamento feminista, até surgirem outras vertentes, como a reconfiguração do feminismo liberal e o feminismo radical.

O feminismo liberal é caracterizado por observar a situação feminina como desigual, mas não como de opressão. Já o radical, constituído nos anos 1960 (período de grande efervescência política e social nos Estados Unidos) é resultado de uma organização autônoma de mulheres que se perceberam como pessoas invisíveis dentro de organizações políticas e ambientes privados. A partir dessa organização, as feministas radicais tiveram como objetivo conquistar espaço não apenas no ambiente privado, mas em todas as esferas da sociedade. Esse movimento sintetizou a frase “o pessoal é público” e revolucionou a teoria política e feminista, fazendo contribuições com grandes protestos, com o desenvolvimento de grupos de consciência e a criação de mecanismos de ajuda e autoajuda. Além disso, o feminismo radical impulsionou internamente a anti-hierarquia e o igualitarismo, pois consideravam que nenhuma mulher é melhor que outra. Porém, na década de 1970, a fragmentação excessiva dentro do próprio movimento também proporcionou o enfraquecimento do ativismo, causando problemas de debate e confusões de perspectivas. Então, a partir de 1975, o feminismo já não podia ser escrito no singular. Segundo Garcia (2005), o feminismo foi florescendo em diversos lugares do mundo com características, tempos e necessidades próprias.

Sendo assim, na contemporaneidade há uma certa dificuldade em nomear e até de estudar os feminismos existentes. Além de serem diversos e existirem de acordo com a necessidade de cada lugar no mundo, cada vertente tem pautas e debates que se diferem. O Feminismo Negro, por exemplo, é uma corrente que começa a ganhar força (principalmente no Brasil) em meados da década de 1980. Essa corrente debate a invisibilidade da mulher negra dentro de pautas feministas e percebem o discurso feminista como predominantemente branco, pois “enquanto mulheres brancas lutavam

pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras lutavam para serem consideradas pessoas.” (RIBEIRO, 2016, p 02)

Apesar de historicamente o feminismo ser considerado um movimento estruturado em três ondas como observa Nuria Varela (2008), a partir das mudanças sociais provocadas pela internet, o movimento adentrou a uma nova plataforma: o ciberespaço. Com o surgimento das redes de computadores, a partir da década de 1990 a sociedade passou por uma transição, o que resultou na reconfiguração do movimento feminista ao meio digital. Como um espaço democrático, a internet abre espaço para novas formas de discussões e disseminação de ideias e necessidades individuais e coletivas, além de interligar pessoas do mundo todo, propiciando a conexão de pessoas com vários movimentos, inclusive o feminismo.

Nomeado Ciberfeminismo, o ativismo digital pode ser definido como um “conjunto de estratégias estético-políticas-comunicacionais orientadas à cultura eletrônica, sobre a internet e a tecnologia digital.” (BOIX E MIGUEL, 2013; BANÑÓN, 2013; APUD FERREIRA, 2017, p 59). Por isso, a inserção das mulheres na internet, um meio predominantemente masculino até então, abriu uma nova forma de disseminação e discussão de necessidades individuais e coletivas. Como um espaço democrático, a criação de *blogs* e redes sociais possibilitou também a quebra de estereótipos criados através do olhar masculino, pois eram privilegiadamente exclusivos nas plataformas. “Apesar da relevância das ações físicas, a plataforma virtual constitui-se, no cenário contemporâneo, como ferramenta primordial de ampliação e difusão das ideologias de um movimento.” (FERREIRA, 2015, p 68)

É importante lembrar, além disso, que o ciberfeminismo se expandiu de maneira desigual ao redor do mundo, por causa das diferentes situações em que as mulheres se encontravam e ainda se encontram. Enquanto em alguns países o ciberfeminismo se estabeleceu há décadas, ainda há lugares onde as mulheres não têm acesso a internet.

Portanto, ainda que o feminismo percorra décadas de luta e disseminações de atos e ideias, ainda vivemos em uma sociedade profundamente desigual. Não apenas pela submissão dentro dos lares, a violência doméstica e a desigualdade salarial, mas tudo aquilo que foi por séculos exclusivo e criado por e para os homens ainda exhibe traços de uma cultura patriarcal, como a publicidade e, claro, o cinema:

A reivindicação de todo o feminismo continua sendo muito simples: exige que as mulheres tenham liberdade para definir-se por si mesmas sua identidade ao invés de que esta seja definida pela cultura da qual fazem parte e pelos homens com os quais convivem. (GARCIA, 2011, p 95)

A construção masculina da imagem feminina

O cinema, construtor de imagens e significados, atua diretamente como representação e difusão ideológica, concordando ou não com os moldes estabelecidos na sociedade. Segundo Araújo (2015) ele tem sido utilizado como instrumento de dominação por agentes poderosos e, a partir de seu reconhecimento como veículo de comunicação, é um importante disseminador de ideologias e ideais que permeiam a sociedade. Por isso, pode-se afirmar que a construção da representação feminina tem sido feita com estereótipos e misoginia, a partir da percepção que a construção dos filmes têm sido majoritariamente função masculina.

Elizabeth Ann Kaplan, (1995) uma das fundadoras da abordagem feminista na crítica cinematográfica, considera que a linguagem do cinema é particularmente masculina, que “os signos do cinema hollywoodiano estão carregados de uma ideologia patriarcal que sustenta nossas estruturas sociais e que constrói a mulher de maneira específica.” (KAPLAN, 1995, p 45) Sendo assim, deve-se pensar a construção e a naturalização de padrões reproduzidos e o quanto eles influenciam o modo de cada mulher ser, agir e se perceber no mundo.

Considerando o cinema como um importante testemunho da realidade, as quatro ondas do feminismo estão diretamente conectadas com esse poderoso objeto e os tipos de papéis destinados à figura feminina. Porém, nesta análise, até cerca de 1910 não iremos considerar as possíveis ligações entre as duas temáticas estudadas pois, de acordo com estudiosos, os filmes até então possuíam poucas tramas, narrativas e significados. Sendo assim, nos seus primeiros 20 anos o cinema viveu uma fase de constantes transformações, sem códigos específicos e facilmente confundido com outras formas de arte. De acordo com Mascarello (2006) os primeiros filmes têm como assunto sua própria habilidade de mostrar coisas em movimento, onde o intuito era de impressionar o público, apenas de encantá-las com a nova descoberta.

A partir de 1910, então, o cinema começa a se consolidar e seus personagens tornam-se melhor constituídos. A partir desta época, os significados por trás do cinema

começam a ser percebidos, onde surgem uma variedade de estereótipos nacionais, raciais e de gênero, como a ridicularização de mulheres consideradas feias, pessoas negras e outros indivíduos ou grupos sociais. Exemplos disso é evidente em *O nascimento de uma nação* (D. W Griffith - 1995), filme em que o exacerbado nacionalismo presente nos EUA refletiu em personagens racistas, que almejavam uma nação branca e viril, onde a personagem feminina era apenas responsável pelo lar e as dores resultantes dele.

Portanto, nos anos que se seguiram, a indústria cinematográfica tornou-se uma das mais poderosas do mundo e, apesar de todo o desenvolvimento do cinema até então, havia um elemento que continuava fora do foco, tanto dentro da indústria cinematográfica quanto dos poderes políticos: a mulher.

Quando as mulheres entram em cena

Durante a terceira onda do feminismo, no século XX, a indústria cinematográfica começou a abrir pequenos espaços para a inserção da mulher. Entretanto, essa inserção era majoritariamente para papéis em que a figura feminina continuava subordinada ao homem, como amantes ou prostitutas, por exemplo. Por isso, enquanto o feminismo começava a se tornar um movimento plural dentro da realidade social, no cinema, os produtores e diretores continuavam a disseminar atitudes patriarcais.

É importante recordar, portanto, que de acordo Bardin (2011) uma análise de conteúdo não deixa de ser uma análise de significados, por isso, configuramos o nosso estudo de modo a abranger o período histórico e a representação fílmica, de modo a interligá-los para compreender os significados subjacentes no cinema hollywoodiano. Para analisar os filmes escolhidos, observamos os elementos que compõem a figura da mulher nos papéis e os situamos no contexto histórico que foi constituído, como os filmes *noir*, um dos gêneros cinematográficos mais lucrativos do mercado americano em 1946. Como um dos seus principais elementos, o gênero exibe a *femme fatale*, uma mulher geralmente branca e magra, caracterizada pela sua beleza alucinante e personalidade ambiciosa. O diretor Alfred Hitchcock (apud AUGUSTI, 2015) destaca a preferências por loiras e mulheres sofisticadas para serem as atrizes do gênero

“sustentando a ideia de que são necessárias verdadeiras damas, que na cama se tornariam prostitutas.”

A exemplo disso, o gênero *noir*, que no mesmo período das produções cinematográficas já havia uma certa independência feminina da figura masculina (como o direito ao voto, por exemplo), compreende-se que ele irá alimentar uma desconfiança do feminino, excluindo as mulheres de cargos importantes. “O filme *noir*, usualmente, exclui as mulheres das posições de poder nos contextos econômicos, social e legal.” (CARVALHO, 2011, p 43). As personagens desse gênero irão representar uma ameaça ao domínio patriarcal da época, com personagens em busca de homens poderosos e, muitas vezes, comprometidos com a lei para os “corromper” em busca de seus desejos.

Para ilustrar o estudo, portanto, foram selecionadas imagens dos filmes assinalados a fim de orientar visualmente o leitor sobre o debate em questão.

Figura 1 - A intensa influência masculina na vida de Gilda



Fonte: *Gilda* (Charles Vidor, 1946)

Portanto, como Simone Beauvoir destacou em sua obra *O segundo sexo* (1949) a mulher foi historicamente vista como a “outra” em relação ao masculino, e no cinema não foi diferente. Deve-se considerar que as personagens da época eram extremamente objetificadas, comumente sendo amantes, prostitutas, cantoras exuberantes ou uma assassina a sangue frio, e em todos os casos, uma mulher manipuladora. Além disso, é característico desse gênero a punição à *femme fatale* por seu comportamento destoante da moral familiar, e, segundo Kaplan, (1995) somente as mulheres que se submetem ao patriarcado são redimidas nos finais das tramas. De acordo com Cardoso e Freitas

Junior (2011) uma década depois do estabelecimento dos filmes *noir*, na década de 1950, acontecerá o início de um rompimento das antigas formas de dominação do olhar masculino. Então, após 20 anos de exposição do corpo feminino da perspectiva masculina, as mulheres começarão a se libertar dos padrões impostos e, junto com avanços sociais e científicos, os debates sobre a sexualidade e o prazer feminino começarão a repercutir.

Por isso, devemos considerar que a década de 1960 dá início a uma transição dos papéis femininos e, ao mesmo tempo, inicia uma tomada de consciência das mulheres na sociedade relacionada às suas imagens e seus corpos. Essa transição pode ser exemplificada pelo famoso filme *A bonequinha de luxo* (Blake Edwards, 1961) estrelado por Audrey Hepburn em que a imagem da mulher, apesar de ainda ser veiculada ao masculino, começa a se libertar. Portanto, além da personagem buscar seu sucesso profissional acima de qualquer outro desejo, exhibe o protagonismo feminino deixando de ser retrato apenas pelos papéis de amante ou donas de casa, para ser alguém com ambições próprias, disposta a abrir mão de sua vida amorosa alcançá-las.

Nesse filme, a personagem de Audrey, Holly Golightly, almeja se envolver com um homem rico para conseguir realizar o seu sonho de ser atriz. Apesar de seu desejo sexual explícito, a personagem é conduzida por uma linha de comédia romântica, o que faz a narrativa de prostituição ter um tom leve. Além disso, a protagonista deixa claro o seu desapego em relação a terceiros, principalmente quando relata que ninguém deve pertencer a outra pessoa.

Figura 2 - A personagem é construída com uma postura segura e fiel a sua liberdade



Fonte: *A bonequinha de luxo* (Blake Edwards, 1961)

Então, a década de 1960 pode ser considerada um período de reconhecimento, tanto da mulher com seus desejos e seus corpos, quanto do reconhecimento da constituição da sua imagem, principalmente dentro de instituições como o cinema. Contudo, apesar de haver uma transição da figura feminina, ainda havia vários estereótipos a serem desmascarados. Portanto, na década de 70 irá surgir a Teoria Feminista do Cinema, com base em estudos e reflexões sobre essas representações e como elas são construídas.

Apesar do feminismo começar a se fragmentar nesse período, a Teoria Feminista do Cinema surgirá com grande força na indústria cinematográfica. Logo, essa teoria irá estudar a posição das mulheres nos enredos dos filmes hollywoodianos e observar que os estereótipos formados à mulher “funcionam como uma forma de opressão (principalmente quando endereçadas às audiências masculinas) a anulam como sujeito e recalcam seu papel social.” (GUBERNIKOFF, 2009, p 04) Porém, a Teoria Feminista do Cinema só é emergente no Brasil no fim da década de 1980 e até hoje é pouco difundida.

No final dos anos 70 e no começo dos anos 80 começa a ser observado um certo distanciamento do homem em seu papel tradicional do cinema. Portanto, em alguns casos, a mulher começa a ser exibida como controladora da ação, e o homem vira o objeto sexual, como uma inversão de papéis. Porém, assim como observa Kaplan (1995), quando esses papéis são “invertidos”, a mulher geralmente perde características femininas. No cinema britânico, por exemplo, começa a ser visualizado a masculinidade como um problema social na década de 1980, “os filmes (britânicos) dos anos 1980 e 1990 sugerem frequentemente uma associação entre a crise da masculinidade e o colapso do papel social do homem provedor e chefe de família.” (MASCARELLO; BAPTISTA, p 85, 2008)

Apesar de haver ainda poucos estudos sobre o protagonismo feminino no cinema contemporâneo (como os de Bianca Silva e de Rafael Bona e Rodrigo Dalri) percebemos que a imagem da mulher ainda está em transformação. A partir dos anos 2000, o cenário cinematográfico começa a evidenciar a mulher de maneira mais assídua. Com o sucesso dos filmes de super-heróis e uma geração imersa na tecnologia, as barreiras entre o acesso à informação e a quebra de estereótipos começam um século de aparente evolução.

Aliás, desenhos infantis como as *Meninas Super-Poderosas* (1º episódio exibido em 1998) e filmes como *As Panteras* (2000) são exemplos de obras cinematográficas e televisivas que abordam a mulher como heroína ou agente investigativa. Apesar do protagonismo feminino ainda não ser a maioria no cinema (31% há protagonismo feminino com mulheres brancas e 21% com mulheres negras), já começa a ser visualizado um afastamento da ideia que o protagonismo masculino seja o exclusivo. Assim, em 2017 é lançado o filme *Mulher-Maravilha* (Patty Jenkins), onde não apenas coloca a mulher como protagonista, mas uma diretora e roteirista do mesmo gênero.

Segundo Rafael Bona e Rodrigo Dalri (2018), a personagem é considerada um dos maiores símbolos femininos da cultura pop. A Mulher-Maravilha, com o nome de Diana, detém de poderes como força e imortalidade. Aliás, durante o decorrer da narrativa, Diana encontra um companheiro que a auxilia no decorrer da trama, porém não se destaca como sujeito principal. Além disso, o casal acaba não consolidado e ela não transforma o amor em um foco central da narrativa e nem da personagem.

Figura 3 - A frente de seu companheiro, o protagonismo de Diana é reafirmado em diversas cenas



Fonte: *Mulher-Maravilha* (Patty Jenkins, 2017)

Apesar das notáveis transformações nos personagens femininos, ainda há percepções de desigualdades raciais e de gênero na indústria cinematográfica. Segundo uma pesquisa realizada no ano de 2016, pela organização Women's Media Center, as mulheres representaram 19% das indicações as categorias que não são de atuação no Oscar no ano de 2006 a 2015.

Assim como Bardin (2011) propõe para a aplicação da análise de conteúdo, foi desenvolvida uma linha do tempo para a apresentação dos resultados alcançados. Além

disso, a codificação e sistematização da análise tem função heurística, objetivando enriquecer a temática abordada. A linha do tempo tem como propósito a organização dos resultados alcançados no acompanhamento e análise executada acima, situando o leitor nos períodos citados de acordo com as respectivas produções:

Figura 4 – Evolução dos papéis femininos ao longo das décadas



Fonte: A autora

Considerações finais

Considera-se, no presente estudo, que desde a primeira onda do movimento feminista, no século XVII, com as poucas expressões de consciência de gênero e classe (e raros lugares para exercer essa expressão), até a quarta, a qual está presente nos dias atuais, houve quatro séculos de luta por direitos e espaços que ainda não está acabada. É importante lembrar que a análise busca compreender a história da representação feminina de uma maneira ampla e que os direitos das mulheres se adquiriram e ainda se buscam de diferentes modos e graus, de acordo com cada lugar no mundo.

O cinema, portanto, é nitidamente um espaço originalmente machista e classista, o qual lutou arduamente para conservar suas raízes tradicionais, pois mesmo quando já haviam mulheres inseridas em diversos espaços econômicos e políticos, as colocava como submissas nas obras cinematográficas. Sendo assim, foram criados significados subjacentes que buscaram reprimir o papel da mulher na sociedade. Esses significados têm sido construídos alicerçado em estereótipos e misoginia, a partir da compreensão que a construção dos filmes foi feita através do olhar e da percepção masculina. Os estereótipos se concretizaram nas vestimentas e todas as características que compõem os personagens.

Além disso, houve a manutenção de estereótipos sexuais por ao menos 30 anos, pois, além de caracterizá-las com roupas exuberantes e extremamente curtas, também

priorizavam mulheres que eram consideradas mais sexys pela indústria cinematográfica. Portanto, apesar do cinema abrir um certo espaço para a inserção das mulheres na indústria, as exibiam de maneira a perpetuar padrões de beleza irreais, os quais não representam a realidade dos corpos e características femininas.

Buscou-se englobar a pluralidade feminina citada diversas vezes no estudo, porém, na análise, não se encontrou essa diversidade. Mulheres negras e de outras etnias foram pouco vistas nos filmes hollywoodianos até o século XX, e, quando ocorria sua inserção, eram majoritariamente em tramas que tratavam sobre suas próprias etnias e períodos em que a escravidão regia as formas de poder. Então, sustentou-se uma visão dos negros, imigrantes, entre outros, como cidadãos inferiores e, apesar desse cenário se encontrar em transição, ainda há percepções de desigualdades raciais e de gênero.

Assim como na realidade social, o espaço que as mulheres ocupam dentro do cinema contemporâneo foi construído com décadas de atos e reivindicações. Esse espaço perpassou por longos períodos de opressão e desigualdade. O cinema hollywoodiano, portanto, tem percebido a necessidade de transformar seus antigos hábitos e proliferar o protagonismo feminino, exibindo super-heroínas, guerreiras e outros personagens. Por isso, apesar da análise alcançar resultados significativos na luta por uma emancipação feminina, as reivindicações não se esgotaram, pois, enquanto houver mulheres invisíveis nas telas do cinema, a realidade ainda não estará sendo contemplada de forma fiel e não excludente.

Referências

ARAUJO, Marcella Grecco. **Representações do feminino o cinema brasileiro de ficção: Mar de rosas, Um céu de estrelas e Trabalhar cansa.** 2001. 92 p. Dissertação (Mestrado em Multimeios) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SILVA, Bianca Cristina Batista. **A representatividade da mulher negra no cinema hollywoodiano.** 2017. 33 p. Monografia (Graduação) - Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília.

VANOYE, Francis.; GOLIOT-LÉTÉ Anne.; **Ensaio sobre a análise fílmica.** 5. ed. Campinas: Papirus, 1994.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; **Manifesto comunista.** 20 ed. São Paulo: Boitempo: 1998.

KAPLAN, E. Ann. **A mulher e o cinema: os dois lados da câmera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 6. ed. São Paulo: Almedina, 2011.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 4. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1970.

BONA, Rafael; DALRI, Rodrigo. **Identidade de gênero em ação: as percepções dos usuários do Filmow sobre a representação da super-heroína no filme Mulher-Maravilha**. Revista Ícone, Recife, v. 16, n. 1, p. 85-99, 2018.

MAURO, Baptista; FERNANDO, Mascarello (org.). **Cinema mundial contemporâneo**. 2. ed. [S. l.]: Papirus, 2008.

GUBERNIKOFF, Giselle. **A imagem: representação da mulher no cinema**. Revista Conexão, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, p. 55-77, 2009.

AUGUSTI, Alexandre Rossato. **Cinema noir: As marcas da morte e do hedonismo na atualização do gênero**. 2013. 288 p. Tese (Pós-graduação em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

RICOLDI, ARLENE; PEREZ, OLÍVIA. A quarta onda do feminismo? Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos. In: **Encontro Anual da ANPOCS**, 42, 2018, Caxambu. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/332639884_A_quarta_onda_do_feminismo> Data de acesso: 10 jul 2019.

CARVALHO, Débora Sofia. **Fatal, cativa e independente: a mulher no film noir**. 2011. 127 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Artísticos) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011.

SARDENBERG, Cecília; COSTA Ana Alice. **Feminismos, feministas e movimentos sociais**. In: BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (org.). **Mulher e relações de gênero**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1994. cap. Mulher e Mundo do Trabalho, p. 81-114.

TILLY, L. A. **Gênero, história das mulheres e história social**. Cadernos Pagu, n. 3, p. 28-62, 2007.

TARROW, Sidney. **O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político**. Petrópolis: Vozes, 2009.

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório**. Revista Ensaios, [s. l.], v. 13, n. 24, p. 99-104, 6 nov. 2019.

VARELA, Nuria. **Feminismo para principiantes**. Barcelona: Ediciones B, 2008.

FACIO, Alda; FRIES, Lorena. **Feminismo, gênero y patriarcado**. Revista Academia, Buenos Aires, ano 3, ed. 6, p. 259-294, 2005.

MASCARELLO, Fernando (org.). **História do cinema mundial**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2006.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. 4. ed. São Paulo: Claridade, 2011.

FERREIRA, C. B. DE C. **Feminismos web**: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. Cadernos Pagu, n. 44, p. 199-228, 24 jun. 2015.

CARDOSO, Tatiana Cristina; FREITAS JUNIOR, Edson Ferreira de. **Cinema hollywoodiano**: a imagem da mulher sob o olhar da lente masculina. In: II Congresso Internacional de História da UFG, 2009, Jataí. Disponível em <<http://www.congressohistoriajatai.org/anais2011/link%2079.pdf>>. Acesso em 06 jun. 2019.

COTT, Nancy: **The grounding of modern feminism**. New Haven, Yale University Press. 1987.

Filmografia

A BONEQUINHA DE LUXO. Dirigido por Blake Edward, Estados Unidos: Paramount Pictures, 1961. 1 DVD (114 min).

AS PANTERAS. Dirigido por Joseph McGinty, Estados Unidos: Columbia Pictures, 2000. 1 DVD (98 min).

GILDA. Dirigido por Charles Vidor, Estados Unidos: Columbia Pictures, 1946. 1 DVD (110 min).

INSECT INSIDE (Temporada 1, ep. 1). As meninas super poderosas. Direção: Kevin Hooks. Produção: Craig McCracken Estados Unidos: Cartoon Network, 1998. 1 DVD (22 min.), son., color.

MULHER-MARAVILHA. Dirigido por Patty Jenkins, Estados Unidos: DC Films, 2017. 1 DVD (141 min).

OS EMBALOS DE SÁBADO CONTINUAM. Dirigido por Sylvester Stallone, Estados Unidos: Paramount Pictures, 1983. 1 DVD (96 min).

PANTERA NEGRA. Dirigido por Ryan Coogler, Estados Unidos: Marvel Studios, 2018. 1 DVD (134 min).

UMA AVENTURA NA MARTINICA. Dirigido por Howard Hawks, Estados Unidos: Warner Bros. Entertainment, 1944. 1 DVD (100 min).